

dominio, o poder e a gloria do Brasil, da nossa amada Patria.

*
* *

21 DE ABRIL

Prelecção da professora, senhorita Alice Moraes, do Grupo Escolar "Diegues Junior" :

Meus jovens alumnos

Não é ocioso repetir-vos que o Brasil é um grande e maravilhoso pais.

Tudo nelle tem sido extraordinario : desde o seu descobrimento aos factos reaes e surpreendentes da sua historia.

Hoje, 21 de Abril, todos vós sabeis mais ou menos o que de importante assignala esta data em o nosso pais. Vamos, assim, percorrer um pouco sobre a *Conjuração Mineira*, uma das paginas de maior belleza heroica dos nossos dias passados, e, principalmente, sobre o heróe desse movimento glorioso — que foi Silva Xavier, alcunhado o Tiradentes.

Joaquim José da Silva Xavier, nasceu em Pombal, Minas Geraes, em 1784, quando o Brasil ainda vivia sob os dominios ferreos e despoticos de Portugal. Filho de uma familia pobre e obscura, só pôde receber uma educação deficiente que não ultrapassou da instrucção primaria. Por isso, na sua juventude, Silva Xavier, vacillante e sem rumo verdadeiro, foi mercador ambulante e chegou mesmo uma vez a ser preso, ignorando-se entretanto o motivo dessa sua prisão. De temperamento altivo e sonhador, assentou praça num regimento de dragões da sua provincia, conseguindo galgar facilmente o posto de alferes.

Nesse tempo Minas Geraes era a Canaan ambicionada para onde corriam centenas e centenas de aventureiros perigosos, fascinados pelo brilho do ouro e dos diamantes das suas minas lendarias,

Silva Xavier, sobre a influencia do meio, quiz tambem lavrar, por sua conta, uma pequena mina e, talvez por falta de conhecimentos praticos e necessarios para dirigir tal empresa, baqueou, consumindo todo o dinheiro e trazendo para a vida publica um horror de dividas e de aborrecimentos moraes, que tanto lhe exacerbaram o caracter.

Indo em 1788 ao Rio de Janeiro, licenciado, fez conhecimento de muito perto com o illustre Dr. José Alves Maciel que, formado em Coimbra, tinha ha pouco chegado ao Brasil após uma viagem de recreio e instrucção pela Europa trazendo o espirito inflammado de idéas democraticas, que atearam rapidamente a chamma patriotica de Tiradentes. Este, de regresso á cidade de Villa-Rica (hoje Ouro Preto) foi encontrar ahi espiritos cultos e de elevada posição social, que tambem ja sonhavam com uma patria livre, uma republica idéal, fóra do jugo opprobioso dos fidalgos e juizes portuguezes que macularam de sangue e de infamias a nossa emancipação politica.

Os iniciadores desse movimento eram os patriotas Thomaz Antonio Gonzaga, o cantor mavioso de *Marilia de Dirceu*, Ignacio José Alvarenga Peixoto, poeta illustre da Arcadia Mineira e autor da divisa para distico da futura bandeira republicana, seu cunhado o tenente coronel Francisco Paula Freire de Andrade, commandante do regimento de que era alferes Tiradentes, Claudio Manoel da Costa, espirito dos mais cultos, que tanto brilhou na Italia, mas de natureza indecisa e medrosa, cujas revelações no inquerito da Conjuração foram tão graves e cobardes que, envergonhado depois, se suicidou na prisão; e ainda os cidadãos Carlos de Toledo Mello, vigario de S. José do Rio das Mortes, José Lopes de Oliveira, José da Silva de Oliveira Rolim, Manoel Rodrigues da Costa, Luiz Vaz de Toledo Piza, Alceu de

Vieira, José Rezende, pae e filho e Amiral Gurgel.

Tiradentes, o grande cabeça da inconfidencia, exultava vendo que a revolução caminhava para a frente,

Como que via as suas aspirações de liberdade objectivadas e triumphantes. E não parou mais de trabalhar dentro do seu grande sonho — que era a liberdade de seu povo.

Entretanto, loquaz e de indole temeraria, boquejou talvez de mais sobre o assumpto, o que desgraçadamente concorreu para as autoridades portuguezas trazel-o então de sobreaviso.

Vindo novamente ao Rio de Janeiro em commissão, o governador da capitania expediu ao governador geral Luiz de Vasconcellos um officio, no qual dizia-lhe desconfiar de Tiradentes. Silva Xavier, sem saber-o, ja estava denunciado !

Foram os seus delatores Joaquim Silverio dos Reis, Basilio de Brito Malheiro e Ignacio Correia Pamplona, tres figuras odiosas de nossa historia e que merecem eterno desprezo,

Silva Xavier sentindo-se espionado, quiz fugir da cidade, quando foi preso e, conforme o despotismo da época, condemnado á morte com mais dez de seus companheiros. Tiradentes, porém, não se defendeu das accusações de conspirador, antes se vangloriou de tudo e recebeu a sentença de morte com a mesma dignidade e o mesmo heroismo com que entrára na revolução.

A rainha D. Maria I commutou a pena dos dez conspiradores por estes se defenderem e procurarem negar tudo, condemnando-os, porém, ao degredo: Gonzaga, foi para Moçambique, Rezende da Costa, pae e filho, para Cabo Verde, Barbosa Vidal encarcerado em Santiago. Os padres seguiram presos para Portugal e ignora-se a sorte que tiveram.

Dizem os historiadores menos insuspeitos que Joaquim Silverio, o cobarde delator, mereceu da Corôa o habito de Christo, um titulo de fidalgo da Casa Real e uma pensão de duzentos mil réis.

A revolução mineira não triumphou; de facto não passou de um sonho lindo e desgraçado.

Tiradentes foi enforcado no dia de hoje, 21 de Abril, no anno de 1792. O local escolhido foi uma grande praça do Rio de Janeiro chamada campo dos ciganos. Tiradentes deixou a prisão envolto na túnica dos condemnados, grave e calmo, acompanhado por dois padres e uma guarda de cem soldados.

As suas ultimas palavras ainda foram de um heróe batalhador : *cumpri a minha palavra; morro pela liberdade.*

Enforcaram-no ás 11 horas da manhã. O seu corpo foi em seguida decapitado e esquartejado; a cabeça enviada para Ouro Preto (antiga Villa Rica) e suspensa de um poste alto; os braços infamemente pregados em postes de madeira na estrada das Minas, no Sitio de Varzinha.

A casa de Tiradentes foi destruida pelos beleguins da justiça portugueza e salgado todo o local.

A data da morte de Tiradentes, que hoje todo o Brasil commemora, tem pois uma alta significação na historia politica de nossa querida Patria.

Tiradentes, meus jovens alumnos, foi o maior percursor da nossa Independencia.

O caracter da criança é o nucleo do homem; toda a educação ulterior não passa de uma superposição; a forma do crystal é sempre a mesma.—(Smiles)

Modelos cívicos

I

VISCONDE DE SINIMBÚ

João Lins Vieira Cansação do Sinimbú nasceu em S. Miguel dos Campos em 20 de novembro de 1810 e era filho do capitão de milícias Manoel Vieira Dantas, bella e nobre figura de revolucionario, em 1817 e 1824, sob cuja atmosphera incendiada de espirito reaccionario nacionalista decorreram os primeiros dias do futuro estadista do segundo Imperio,

Bacharelado-se em sciencias juridicas e sociaes pela Faculdade de Direito de Olinda, em 1835, no anno seguinte seguiu para a Europa em viagem de instrucção e doutorou-se depois na Universidade de Iena, na Allemanha, especializando-se em chimica agricola com o fim de introduzir novos processos de cultura em sua Provincia.

Em 1839 foi eleito deputado á Assembléa Legislativa das Alagoas e nomeado 1.º vice-presidente da Provincia e nesse caracter, coube-lhe, em outubro do mesmo anno, assumir o governo, na villa de Maciό, tumultuariamente, para restabelecer o principio da autoridade e da ordem publica gravemente perturbada na cidade das Alagoas, então capital, pelos que se oppunham, de armas na mão, á transferencia da Thesouraria Geral e haviam depositado o presidente, Dr. Agostinho da Silva Neves.

Nessa emergencia, Sinimbú, então com 29 annos, foi a revelação do estadista vigoroso e eminente que chegou ser. A' sua energia indomayel, á sua bravura pessoal, á sua habilidade politica, deveu Alagoas o restabelecimento da ordem sem derramamento de sangue. O governo Imperial no-

meou-o presidente para substituir o Dr. Agostinho Neves. Em 1840 foi nomeado presidente da Provincia de Sergipe.

De 1841 a 1845 foi deputado geral por sua terra natal e os annos do Parlamento guardam a documentação valiosa das suas attitudes politicas, na tribuna da Camara.

Em 1843 foi nomeado Ministro Residente junto ao governo da Republica do Uruguay. E' essa uma das etapas mais brilhantes da vida publica do eminente Alagoano.

O Uruguay estava em guerra contra a Argentina e Rosas decretara o bloqueio de Montevideo, acceto pelas demais nações com representação naquella Republica. A capital uruguaya ficou em panico porque a sua rendição, tida geralmente por inevitavel, seria a perda da independencia do paiz, o seu completo aniquilamento pelo despotismo sanguinario de Rosas, desviado pela ambição do restabelecimento das fronteiras do antigo vice-reinado de Buenos Ayres.

Faltava, para effectivação do bloqueio, a palavra do representante do Brasil. Sem meios de consultar, com a urgencia que o caso requeria, o governo brasileiro, -Sinimbú, estribado nos acontecimentos historicos que se estavam desenrolando e pensando as 'consequencias funestas para o Brasil, no caso da rendição de Montevideo, não vacilou em discordar do bloqueio. A elle oppôz-se terminantemente e a sua intransigencia diplomatica salvou a independencia do Uruguay e deu á guerra outro rumo. Rosas recuou, submettendo-se.

Montevideo fez ao diplomata festas grandiosas, mas as conveniencias da politica brasileira no momento e a intolerancia partidaria dos adversarios de Sinimbú forçaram o governo a discordar da atti-

tude do Ministro. Melindrado, Sinimbú solicitou sua exoneração. Recusou-a o governo. Sinimbú demittiu-se, recolheu-se ao seu paiz, curtiu em nobre silencio as accusações de que foi alvo, para não aggravar a situação da politica internacional no Prata, affastou-se, por algum tempo, da politica, e só quarenta annos mais tarde, num discurso monumental, considerado um primor de eloquencia e sabedoria, defendeu-se no Senado.

Guardemos aqui alguns periodos dessa oração estupenda :

“Para salvar a soberania e independencia oriental — disse Sinimbú, em 1880 — todos os recursos estavam esgotados: só faltava um a palavra do Brasil e essa palavra, sr. Presidente, era eu quem devia proferir. Reconhecer o bloqueio era assignar o decreto de morte de uma nacionalidade da qual o Brasil se tinha constiuído garantia; deixar de reconhecê-lo era, além de expôr a bandeira brasileira a um insulto, provocar uma guerra que o governo imperial, por não preparado, desejava evitar. Sem o auxilio da electricidade e do vapor, que são hoje poderosos auxiliares da diplomacia, eu me via obrigado a tomar uma deliberação arriscada debaixo da minha unica responsabilidade. Inspirando-me no pensamento das minhas instrucções e sobretudo nos sentimentos do meu patriotismo não vacillei em tomal-a.

Era crença geral que, estabelecido o bloqueio, Montevideo fatalmente succumbiria. A contemplação desse quadro me causava horrôr. E quer o Senado saber porque? Eu lh’o direi — Sabia-se, senhores, que Rosas, oom o fim de legitimar sua tyrannia no interior, sonhava glorias e conquistas no exterior: o restabelecimento das fronteiras do antigo vice-reinado de

Buenos Ayres era seu pensamento predilecto, como ainda hoje sonho dourado de alguns insensatos.

Dominando na Banda Oriental com o mesmo despotismo com que governava a Confederação Argentina, sentindo necessidade de dar emprego as suas forças victoriosas, sob pretexto de perseguir Fructuoso Rivera, se internara na provincia do Rio Grande. Equivale isto a dizer que para o Brasil seria a repetição da guerra Cisplatina e de caracter ainda mais desastroso nas condições dos novos invasores. Eis ahi, senhores, porque quando ainda não achasse na região dos principios os fundamentos para deixar de reconhecer o bloqueio eu o teria desconhecido, pois não me achava com coragem bastante para considerar as consequencias da hypothese que acima figurei. Mas se quereis evitar a guerra como a provocaveis, desconhecido o bloqueio, poderão perguntar-me? O caso é diverso. Emquanto se mantivesse a cidade de Montevideo guarnecida como se achava então, Rosas não ousaria declarar guerra ao Brasil; pela mesma razão porque este não a podia declarar-lhe emquanto Canavarro permanecesse em sua dissidencia.”

Por este pequeno trecho do discurso de Sinimbú verificam-se claramente a sua finura diplomatica e a extensão do serviço que prestou ao Uruguay no momento mais perigoso da sua soberania.

Sómente em 1847 reapareceu Sinimbú na administração e na politica, como redactor-chefe do *Diario Official*.

Chefe de Policia da Provincia do Rio de Janeiro e depois juiz de direito de Cantagallo, deputado geral por Alagoas, presidente das Provincias do Rio Grande do Sul e da Bahia, onde fez administrações modelares, Chefe de Policia da Côr-

te, deixou nesse departamento do governo imperial um rasto luminoso de trabalho e energia, grangeando a estima publica pelas medidas que tomou quando o cholera invadiu a capital do paiz.

Senador do Imperio, em 1857; Ministro dos Estrangeiros, no gabinete Ferraz, em 1859; Ministro da Agricultura e da Justiça, no gabinete Olinda, em 1862, chamou-o o governo ao Conselho de Estado, como membro extraordinario, em 1875, declinando, porém, da honra, como não acceitou a presidencia da Exposição Brasileira em Philadelphia, para dedicar-se á direcção do partido liberal de que era um dos chefes mais prestigiosos.

Em 1878 deu-lhe o Imperador a incumbencia de organizar Ministerio, para substituir ao Duque de Caxias. Foi o gabinete de 5 de janeiro de 1878. A reforma eleitoral directa era o ponto capital do Ministerio e contra ella estava o Senado. A opposição que então se fez á reforma eleitoral creou difficuldades insuperaveis ao governo. Entretanto o gabinete restabeleceu a ordem nas finanças, fez a reforma da da instrucção publica, chamada livre, enfrentou corajosamente a calamidade da secca no nordeste, affastando-se do systema até então seguido de distribuir dinheiro e viveres aos flagellados, preferindo dar-lhes trabalho, fazendo estradas de ferro e outras obras necessarias na região assolada.

Apezar de contar com a maioria da Camara dos Deputados, a attitude do Senado, estribado na sua absurda vitaliciedade, não podia ser vencida. O Ministerio demittiu-se.

Em 1880 foi nomeado Conselheiro de Estado ordinario. Em 1888 foi agraciado com o titulo de Visconde com grandeza.

Membro de varios Institutos e Associações scientificas do paiz e do estrangeiro; Conselheiro de Estado; Senador do Imperio; Grão Cruz da Legião de Honra de

França; da Corôa de Ferro, da Austria, da Ordem de Carlos III, de Hespanha, do Duplo Dragão, da China, das Ordens de Christo e da Roza, do Brasil, esse homem eminente, que o paiz inteiro venerava, tinha 80 annos de idade e meio seculo de serviços benemeritos ao paiz, quando foi proclamada a Republica. E estava pauperrimo. Para que a sua velhice gloriosa ficasse a coberto das necessidades materiaes da vida, a Republica, num gesto espontaneo de reconhecimento ao Grande Brasileiro, deu-lhe uma pensão...

Falleceu o Visconde de Sinimbú em 27 de dezembro de 1906. Apezar de estar, ha muitos annos, affastado, pode-se dizer, do mundo, a sua morte echoou dolorosamente no Brasil. Então lhe foram prestadas homenagens extraordinarias. O Senado da Republica, pela voz de Francisco Glycerio, pôz em relevo á benemerencia do varão insigne. Foi "um dos mais notaveis e dignos brasileiros e homens de estado, que tem trasido ao paiz o inestimavel concurso de seu espirito elevado, de um patriotismo nurea desmentido e das mais excelsas virtudes de homem particular e politico."

No Instituto Historico Brasileiro, o venerando Sr. Marquez de Paranaguá depunha, assim, commovido: "Convivendo com Sinimbú pude conhecer e admirar as suas raras qualidades de homem publico, a elevação do seu character e a nobreza de seus sentimentos".

E Affonso Celso traçou-lhe, este bello perfil:

"Perto de um seculo viveu Cansação de Sinimbú e durante 67 annos fez parte do Instituto. Subiu no Imperio até onde um cidadão podia subir. Em multiplos e variados cargos politicos e administrativos patenteou perfeita idoneidade.

O *gentleman*, chamavam-no. Apri-morado *gentleman* na realidade, pelos modos sisudos e fagueiros, pelos ges-

tos discretos, pelo seletto do traje, pela esmerada polidez.

Quem o avistava, de relance embora, experimentava o influxo da soberana dignidade. A dignidade, o indefinivel predicado que avassala o geral acatamento, constituia-lhe a norma invariavel. Dahi a decisão, a energia inconcussa, o proseguimento impreterrito na rota assentada a despeito da grita entre os adversarios.

No parlamento tinha dicção severa sobria, natural aristocracia de attitudes, circumspecta elegancia, argumentar conceituoso, que o laureavam na tribuna, onde tanta eloquencia refulgia.

Homem de acção, sabendo impavido tornar obedecida a autoridade, soffreu duras increpações.

Tão pobre, em seu posto, após numerosas décadas de serviços ao paiz, o encontrou a Republica, que espontanea lhe prestou esta homenagem: decretou-lhe uma pensão."

O Visconde de Sinimbú, estadista dos mais notaveis do Brasil — delle escreveu o sr. José Bonifacio — "soube, atravez das lutas da politica, manter seu nome rodeado de larga e sincera consideração, elevando-se de dia em dia, pelos serviços ao paiz, nobre e desinteressado, na estima geral, dos de seu partido e de adversarios. Foi uma grande figura, de probidade inconcussa, de empolgante fidalguia, cuja memoria é, com fundadas razões, profundamente venerada."

Eis ahi um bello padrão de patriotismo e fidalguia á mocidade alagoana.

II

ALEXANDRE JOSÉ DE MELLO MORAES

Nasceu esse homem paradigma de trabalho e poder de vontade na cidade das

Alagoas, a 23 de junho de 1816 e foram seus paes o capitão-mór Alexandre José de Mello e D. Anna Barbosa de Araujo.

Com grandes difficuldades, vencendo heroicamente todos os empecilhos da pobreza, concluiu o seu curso de preparatorios na Bahia e logo matriculou-se na Faculdade de Medicina. Para vencer esse curso maiores foram os seus sacrificios. Estudante, leccionava o de magisterio primario tirava o necessario á sua manutenção. Foi um verdadeiro heroe, esse estudante jovem que queria vencer na vida.

A sua passagem pela Faculdade da Bahia ficou assignalada com raro brilho. Foi dos primeiros estudantes do seu tempo. Em 1840 doutorou-se, defendendo a seguinte these : *Considerações physiologicas sobre o homem e suas paixões e affectos em geral; do interesse, amor, amizade em particular.*

Formado, voltou a Alagoas com o desejo de fixar-se no torrão natal. Ao rever o solo abençoado das Alagoas, ajoelhou-se e beijou-o. Mas a cidade provinciana em que nascera era pequena de mais para as suas aspirações. Volveu á Bahia. Dedicou-se ao exercicio da medicina, grangeando vasta clientella; dedicou-se ao jornalismo politico, revelando-se um argumentador vigoroso e um propagandista de idéas dos mais vehementes. E nunca parou de estudar. A historia patria seduziu-o e ao seu estudo consagrou-se de corpo e alma, reunindo uma documentação formidavel e tornando-se em breve, o maior sabedor das chronicas nacionaes e o mais conceituoso historiador do seu tempo. Fundou uma revista de divulgação historica, que fez epoca, mantida as suas expensas.

As theorias hahnemannianas, ingressando no Brasil, encontraram-no em campo opposto : combateu-as vigorosamente, mas, pouco tempo depois, tornava-se o seu mais valente propugnador no Brasil. Abandonou em sua clinica a allopathia.

Agora era medico homeopatha. Mas o que o illustre alagoano era na realidade era um historiador notabilissimo.

Députado geral por Alagoas, de 1869 a 1873, acabou fixando a sua residencia no Rio de Janeiro, onde notabilisou-se pelo seu vasto saber e pela sua infatigavel oporosidade de escriptor,

A sua bagagem litteraria é grande : *Repertorio do Medico Homeopatha*, extrahido de Rouff e Berminghaus, com a descripção de todas as molestias, seguida de um diccionario de termos de medicina e cirurgia; *Guia Pratico da Medicina Homeopathica*; *Physiologia das Paixões e Affectos*, trabalho precedido de uma noção philosophica geral e de um profundo estudo e descripções anatomicas do homem e da mulher, suas differenças physiologicas, philosophicas e moraes baseadas nas theorias de Lasater, Moreau e outros; *Da peste, do contagio e das epidemias que assolam a terra*; *A Inglaterra e os seus tratados*; *Doutrina Social de Bouin* (tradução); *Doutrina Social*; *Compromisso da Confraria de S. Vicente de Paula estabelecida na Bahia*; *Ensaio Chorographico do Imperio do Brasil*; *Memorias Diarias das Guerras do Brasil*; *Os Portuguezes perante o Mundo*; *Elementos de Litteratura Chorographia Historica, Genealogica, Nobiliarchica e Politica do Imperio no Brasil* (5 volumes); *O Brasil Historico*; *Historia do Brasil Reino e do Brasil Imperio* (3 volumes); *A Independencia e o Imperio do Brasil*; *Chronica do Imperio do Brasil, desde a descoberta da America até 1879*; *Genealogia de Algumas Familias Brasileiras*; *O Tombo das Terras dos Jesuitas*; *Historia dos Jesuitas*, além de muitas biographias de homens notaveis, monographias diversas, discursos e memorias.

Grande intelligencia, solida erudição, capacidade admiravel de trabalho, Mello Moraes viveu a lutar dignamente pela vida, sem ambições além das que visavam

tornar conhecido o Brasil e bem servil-o. A politica não tinha para elle seduções, o seu mundo eram a sua livraria, os seus alfarrabios e a sua familia.

Amigo extremoso de sua terra natal, offertou-lhe todos os seus livros, para mais de 2.000 volumes, para fundação de uma bibliotheca publica. Grande, nobre e desinteressado espirito, amou o seu paiz extremosamente, honrando e engrandecendo Alagoas.

Mello Moraes falleceu no Rio de Janeiro a 6 de setembro de 1882.

III

DR. MANOEL JOAQUIM FERNANDES BARROS

Nasceu em Penedo a 7 de março de 1804. Orphão de pae em tenra idade, sua mãe e seu padrasto, Antonio José da Cunha Bellem, deram-lhe esmerada educação. No Seminario de Olinda fez os seus estudos secundarios e em 1822 emprehendeu a sua primeira viagem á Europa. Cursou Medicina em Montpellier e em Paris, estudou profundamente anatomia, physiologia e chimica, exercitando com Barruel as mais difficeis operações scientificas, nos laboratorios da Faculdade. Em Goy-Lussac aperfeioou ainda mais os seus estudos de physica.

Seu renome sientifico, saindo do circulo academico, indicou-o ao governo francez para membro da commissão de professores a quem a Universidade de Paris incumbiu de analysar as minas de Gasgonha e do Pallatinado.

Em 5 de fevereiro de 1827 defendeu na Universidade uma these sobre a analyse comparativa dos ossos de diversos animaes e a 12 do mesmo mez apresentou á Faculdade de Sciencias uma outra sobre meteorologia.

Na Faculdade de Strasburgo recebeu

o gráo de doutor em Medicina, defendendo brilhantemente theses sobre hygiene e therapeutica.

Viajou depois a Allemanha, a Suissa, a Hollanda e a Italia, estudando sempre.

Em 1828 voltou a sua Provincia, considerado sabio entre os sabios do Velho Mundo. A politica recrutou, elegendo-o deputado geral, em 1834.

O governo brasileiro encarregou-o de estudar as minas de carvão de Camaragibe e desse seu trabalho publicou uma memoria notavel.

Fernandes Barros foi assassinado em

Sergipe, a 2 de setembro de 1841, aos 34 annos de idade, em plena floração de sua poderosa mentalidade. A autoria e a causa do barbaro crime, praticado publicamente, ficaram um tanto misteriosas. A autoria intellectual deram ao commendador Sebastião Botto, que, por isso, respondeu jury, sendo absolvido. Ha, porém, outra versão do crime, que abalou vivamente a opinião publica.

Era Fernandes Barros profundo conhecedor do Portuguez, do Latim, do Francez. Deixou em manuscrito varias memorias e um curso completo de Physica.

Em Guarda á Bandeira

Espada em punho, em continencia, em culto
 Á Bandeira que amou com fanatismo,
 Eil-o, tal como repelliu o insulto
 Na phrase "Á bala", ardendo de civismo...

Na mais simples modestia sempre occulto,
 Arrancando a Republica do abysmo,
 Impoz-se á gloria que lhe cinge o vulto,
 E a Patria, de immortal, deu-lhe o baptismo...

Salve Alagoas—terna mãe querida,
 Que concebeste a perola doirada,
 Onde a Patria se mira agradecida...

Descança, Patria minha, sublimada:
 Sempre em guarda á Bandeira estremecida,
 O Marechal de Ferro empunha a espada.

TITO DE BARROS

Uma lição de português

(MARIO MARROQUIM)

Hoje que a philologia moderna, com o estudo comparado das linguas, abriu novos horisontes aos investigadores, e vão desaparecendo as normas empiricas para subsistir tão sómente o exame honesto e racional dos factos da linguagem, não deve o português, n'uma escola que prepara professores, permanecer jungido, acorrentado aos preconceitos de grammaticuice.

O estudo da nossa lingua, na Escola Normal, deve abranger, como o determina o programma, os seus factos historicos, deve conduzir o alumno até a sua origem, deve descer com elle atravez das luctas e vicissitudes do idioma até a sua fórmula actual.

A professôra deve estar preparada para responder a quanto possa o discipulo lhe perguntar. Mais ; deve estar preparada para defender a sua opinião com criterio e convicção.

No português, estudando a formação da lingua, o mecanismo da sua evolução phonetica, fica a alumna habilitada a comprehender factos dos quaes nem siquer suspeitava.

Acompanhando a palavra desde o latim até o fallar de hoje, tocando quasi os phenomenos, sentindo as mutações phoneticas, a alumna fica amando mais a sua lingua, justamente porque lhe penetrou mais profundamente os segredos.

Para as minhas alumnas do 4.º anno normal, publico hoje este estudo, que, espero, muito lhes ha de servir como orientação no trabalho de investigar e explicar qualquer palavra.

O que escrevo, qualquer pessoa dada a esses estudos poderá escrever ; procure

entretanto olhar cada palavra de um modo mais geral, estendendo-me a pontos que a curiosidade da bôa alumna não julgará fóra de proposito.

Escolhi a primeira parte da Ave Maria, porque, trecho simples, conhecido de todas, está mais approximado do latim popular, pois é do Novo Testamento de Beza.

O Novo Testamento, como o Antigo, versão de S. Jeronymo do grego para o latim, não podia deixar de soffrer os effeitos da decadencia da lingua, distante 5 seculos da sua idade de ouro, sob Augusto...

“Ave, Maria, gratiæ plena, Dominus tecum, benedicta tu in mulieribus, et benedictus fructus ventris tui, Jesus.”

AVE MARIA. — Invocação que passou para a lingua sem alteração, sendo hoje usada como substantivo composto, derivado do vocativo latino. *Ave*, imperativo do verbo *avére*, não teve traducção.

GRATIAE — GRAÇA. Os grupos latinos *ti* e *ci* (com *i* ou *e*) seguidos de vogal deram em português o fonema *ç*, ex. *acutiare*-aguçar *palatium*-palatiu-paaço-paço ; *plátea*-plátia-praça. (1)

Quando, porém, o *ç* assim conseguido ficava entre duas vogaes passava algumas vezes a *z*, ex. *judicium*-juízo-juíço-juízo ; *jaciat*-jaça-jaza ; *rationem*-raçon rason-ração.

— PLENA-CHEIA. O grupo *pl*, bem como *cl* e *fl* pretonicos, transformaram-se em *ch*,

(1) Escrevo *gratiæ* para ser fiel ao texto. E' claro que a palavra *graça* vem do acc. *gratiam*, caso etymologico, como explicarei mais adiante ao tratar da palavra *dominus*.

na passagem do latim para o português, nas palavras de formação primitiva na lingua; ex. *clamare*-chamar; *clavem*-chave; *plumbum*-chumbo; *planum*-chão; *inflatum*-inchado; *flammam*-chamma.

O mesmo grupo *pl* sob influencias diversas produziu outros sons nas varias linguas neolatinas. E' que as transformações phoneticas obedecem a condições de clima, raça e ambiente, que são sempre deseguaes de região a região.

Assim, si deu em português *ch*, deu em francez *pl*, em hespanhol *ll* e em italiano *pi*. Exemplificando :

plenus	cheio	plein	lleno	pieno
plaga	chaga	plaie	llaga	piaga
pluvia	chuva	pluie	lluvia	pioggia
plorare	chorar	pleurer	llorar	piangere
planus	chão	plain	llano	piano(1)

PLENA produziu em português *cheia* e produziu tambem *plena*. Esta é, porém, uma fórmula erudita, producto da reacção dos letrados que fizeram voltar para a lingua, em sua fórmula primitiva, os termos latinos que tinham evoluído normalmente. Essa corrente de reacção que começara no seculo XIV, recebeu um forte impulso no seculo XVI, com o esplendor da Renascença em Portugal, tendo-se desenvolvido o gosto pela cultura do latim e a traducção de obras ecclesiasticas.

Essa aproximação artificial do português á sua fonte latina trouxe para a lingua, integralmente, numerosos termos, tendo apenas modificado em alguns a desinancia, para adoptal-os ao genio da lingua. Mas essa importação de termos latinos não aboliu os que já estavam em uso, formados regularmente segundo as leis phoneticas, e assim, ao lado desses, ficaram as novas fórmulas, fieis ao typo latino.

Têm essa origem quasi todas as formas divergentes na lingua portuguesa : ex.

(1) Exemplos de Julio Nogueira, "O exame de Portuguez"—18.

PALATIUM já nos déra, pelas leis de phonologia, *paço* ; a reacção erudita foi buscar o termo latino e transplantou-o integralmente para a lingua : PALACIO.

Ja havia o termo CHEIA; ficou a lingua com mais um : PLENA. Mostremos agora como *plena* formou a palavra *cheia*. O grupo *pl* transformou-se em *ch*. O *n* desaparece como consoante, anasalando a vogal anterior.— *chêa*. Essa resonancia desaparece sem consequencia, como acontece sempre que a vogal é tónica e igual a *e* (*e*, *æ*, *i* lat.) e quando ao *n* se segue um *a* ou *o*, isto é, nas terminações—*ena-enas-enuenos*-ex. *plena*-*chêa*-*chea*; *arena*-*arêa*-*area*; *frenu*-*frêo*-*freo*; dá-se então o fenomeno chamado "alargamento". (1)

A lingua é pouco favoravel ao hiato ; sempre que póde, repelle-o, conservando-o raras vezes. J. Nunes, na sua "Crestomatia Arcaica", observa essa tendencia e fixa-a na seguinte regra :

"O *e* tónico, quando seguido immediatamente por *a* ou *o* finais, ditongarse". (Crest. Arc. XXXII). (2)

(1) As palavras *chêa*, *arêa*, *frêo*, escriptas com accento circumflexo, deveriam sel-o com *e* e *til* ; como porém não tem a typographia esse sinal, vão no presente artigo graphadas com o *e* circumflexo.

(2) E' essa uma das razões porque se deve escrever *manusear*, porém *manuseio*; *passar* e *passeio*; *afear* e *afeio*. Nos infinitos a tónica fica no *a* do suffixo verbal, o que se não dá nos presentes e nos tempos em que o *e* thematico é tónico, que cahem assim dentro da regra de J. Nunes. Ha ainda no caso, a questão de saber si o suffixo é formado de *idiare* latino (e ahi a forma portuguesa *ear* é indiscutivel) ou si o verbo é formado com o suffixo *ar* ligado a temas treminados em *ei*. A lingua tem tendencia para abolir as semivogaes. *Ia*, *io*, transformaram-se em *a*, *o* no final das palavras, transformação fre-

Assim *chea* torna-se *cheia*, como *area* torna-se *areia* e *freo* *freio*. O alargamento é uma das formas pelas quaes apparece o ditongo em português.

DOMINUS-SENHOR. A palavra latina DOMINUM produziu em português DONO, com as seguintes transformações: Queda do *i* immediatamente posterior á tonica; DOM(i)NU. Transformação do grupo MN, em *N*, por assimilação regressiva; DONU-DONO. O MN soffreu essa mesma alteração normalmente na passagem do latim para o português: AUTUMNO fez OUTONO, como SOMNU produziu SONO.

Quanto á queda do *i*, já no proprio latim, as sillabas postonicas tendiam a desaparecer, para evitar as esdruxulas: escrevia-se SPECLUM (por especulum), MASCLUS (por *masculus*, donde *macho*, pela transformação do grupo *cl* em *ch*, como já vimos ao examinar a palavra *plena*); escrevia-se VINCLUM (por *vinculum*). Para que em português, se traduza DOMINUS que produziu na lingua, *dono*, por *senhor*, cuja palavra de origem, *seniorem*, significava *mais velho*, deu-se um interessante processo que a Semantica explica. A Semantica (do grego SEMAINÔ - significar) tambem chamada SEMANTOLOGIA e SEMIOTICA é o estudo das leis que presidem á mudança de sentido das palavras.

Na antiguidade, no regimen dos governos patriarchaes, o mais velho era o que governava, era o ouvido em todas as situações difficeis do povo, e como tal era o responsavel pela riqueza commum que ficava em suas mãos inteiramente e de que elle dispunha como si della fosse dono.

Com o progredir da humanidade, tornando-se mais difficeis e mais complexas as re-

quentissima ainda hoje no fallar do povo. Assim, mesmo nos verbos formados com *ar* ha a queda da semivogal, ficando a terminação *ear*.

lações dos homens entre si, já não era patriarchal a forma de governo, mas na familia, o mais velho dos filhos era obedecido pelos demais, por ser o herdeiro das tradições, das honras e dos bens dos antepassados.

Ainda em nossos dias, o primogenito, nas familias reais, é o herdeiro do throno, e como tal gosa de uma situação especial em face dos irmãos menores, com relação á riqueza da familia de que elle será chefe um dia. De modo que, essas duas idéas diversas, MAIS VELHO e *dono* á força de estarem associadas numa mesma pessoa acabaram por se confundir num só significado.

Assim DOMINUS traduz-se por *senhor*, que vem de SENIOREM, o mais velho, em latim. Ha um caso em que apparece a reminiscencia do verdadeiro significado de SENIOREM; é quando empregamos o termo, precedido do determinativo UM. UM SENHOR traz-nos logo á idéa uma pessoa de certa idade e respeito.

Quando a pessoa é estranha, mesmo quando joven, ou quando por qualquer titulo é merecedora do nosso acatamento e respeito, antecedemo-lhe tambem o nome, da palavra SENHOR. Mas ahi age o elemento psychologico que, na evolução linguistica é tambem elemento apreciavel: em *mais velho* estava sempre inclusa a idéa que a palavra SENHOR traduz neste ultimo caso.

Já que tratámos tanto da palavra SENIOREM em sua relação com a palavra DOMINUS, olhemol-a agora isoladamente na sua passagem para o português.

SENIOR—ORIS—comp. de superioridade. Esta palavra põe-nos em face de um problema largamente discutido e já hoje resolvido: qual o caso etymologico da lingua portuguesa.

Sendo um idioma synthetico, a lingua latina, usava das flexões dos nomes para indicar as diversas modalidades de sentido de uma palavra na frase.

Com a evolução gradual do latim, foi-se dando a morte dos casos, transformando-se a língua, de *synthetica*, em *analytica*.

Ficaram dois casos somente: o *caso sujeito* e o *caso objecto*, isto é, o *nominativo* e o *accusativo*.

Talvez por ser o accusativo um caso mais sonoro, o facto é que predominou, resistiu e foi o nucleo formador do português, quando o latim, falado no extremo occidental da península iberica, se transformou até tornar-se uma língua diferente. Algumas palavras ha no português, oriundas de outros casos. O nominativo deixou-nos SERPE (serpens), TREDO (trahidor); SERPENTEM (acc.) deu *serpente*, como TRADITOREM (acc.) deu traidor. O genitivo está claro em AQUEDUCTO (aquæ ductus) PLEBISCITO (plebis scitum) LEGISLADOR (legis forem). O dativo apparece em DEODATO e LHE de *illi*. O ablativo deu-nos AGORA (Hæc hora) COMO (quomodo).

SENIOR, ORIS deu-nos duas palavras. Uma é SENIOR, a forma nominativa inalterada, com o significado de *mais velho*, que se pospõe ao nome e ao appellido, quando numa mesma familia ha mais de uma pessoa com o mesmo nome; a mais moça será JUNIOR.

Outra é SENHOR derivada da forma accusativa SENIOREM, atravez das seguintes transformações: Queda do *M* final. Já no latim começára com a obliteração dos casos a queda do *M* do accusativo. Quintilliano, segundo uma citação de *Cliquennois*, repetida por Sousa da Silveira, denunciára o facto: "M in extremitate verborum obscurum sonat".

O grupo *NI* seguido de vogal transformou-se em *NH*, ex. SOMNIUM - *sonho*; SENIORE - *senhore*. O *e* final por não ter onde se apoiar, cae: SENHOR. Assim completou sua natural evolução a palavra: SENIORE(M) - SENHORE - SENHOR.

TECUM - COMTIGO. Deu-se com esta

palavra uma anomalia que tem explicação na ignorancia e na desordem que havia na formação da língua, antes da disciplina grammatical.

TECUM é o ablativo singular do pronome pessoal TU. Já está incluído nelle o CUM, *com* português.

A passagem normal seria TIGO, como era no português archaico. Perdeu-se, porém, a noção da particula ja incluída na palavra e fez-se a forma pleonastica COMTIGO.

O italiano tem a forma regular vinda do latim, e diz TECO, como diz SECO, MECO.

Veamos como passaram para o português os demais pronomes:

1. ^a Pessoa	LATIN	PORTUGEZ	LATIN	PORT.
Nominativo	ego	eu	nos	nós
Dativo	mihi	mi, mim, me	nobis	nos
Accusativo	me	me, mi (arch.)	nos	nos
Ablativo	mecum	migo	nobiscum	nosco
2. ^a Pessoa				
Nominativo	tu	tu	vos	vós
Dativo	tibi	ti, te	vobis	ves
Accusativo	te	te, ti (arch.)	vos	vos
Ablativo	tecum	tigo	vobiscum	vosco

— 3.^a Pessoa

Como o latim não possuía pronome da 3.^a pessoa, a lingua portuguesa, em formação, aproveitou o demonstrativo ILLE, fazendo-se o nominativo plural por analogia com o singular.

Nominativo	ille illa	elle, ella	illi, illæ	ellas elles
Dativo	illi	lhe	illis	lhes
Accusativo	illum illam	lo-o, la-a	illos, illas	los-os las-as

Ablativo — O ablativo não passou para o português.

— 3.^a Pessoa, pronome reflexo

Nominativo		
Dativo	sibi	si, se
Accusativo	se	se si (Arch.)
Ablativo	secum	sigo

Como se vê, o pronome reflexo carece de nominativo, tanto no latim como no português. Não poderá, portanto, ser nunca sujeito do verbo finito, o qual em latim está sempre no nominativo. (1)

BENEDICTA - BEMDITA. Palavra latina composta do adverbio **BENE** e do particípio passado feminino do verbo **DICERE**.

BENE provém do adjectivo *Benus* que cahiu em desuso, prevalecendo a forma **BONUS**, *a, um*. Na formação do português o *e* final de **BENE** cahiu, ficando **BEN**, hoje escripto **BEM**, pelo criterio da lingua, transformando em *M* os *N* finaes das palavras, salvo algumas de uso litterario.

Em **DICTA** o grupo **CT** transformou-se em **IT** - **DIITA**, por vocalização. Pe'la figura crase, tornou-se **DITA**.

A palavra latina **BENEDICTA** transformou-se assim normalmente na palavra portuguesa *bem dita*.

IN MULIERIBUS - ENTRE AS MULHERES. Mulher, em latim, é **MULIERERIS**, com o accusativo **MULIEREM**, o accento total sobre o *i*.

O grupo *li* ou *le* (-*li*) seguido de vogal formou em português *lh*, ex. *filium*-filho, *palea*-palha.

Estudando a formação da palavra *mulher*, temos occasião de fazer algumas considerações importantissimas para quem queira rebuscar as origens de nossa lingua.

Ao tempo em que era o latim lingua viva, havia duas maneiras de falal-o. No fôro, nos documentos publicos, nos discursos,

usava-se uma lingua castiça, pura, a lingua em que escreveram Cicero, Cezar, Vergilio, Tito Livio, lingua de erudição e de cultura.

Na intimidade, porém, a lingua empregada não era a linguagem classica, o *sermo urbanus, perpolitus*, e sim uma linguagem mais simples, mais descurada, a unica que o povo em geral falava. Era o *sermo plebeius, quotidianus*.

As legiões romanas conquistadoras, quando impunham o latim ás nações conquistadas, não era o latim de Cicero e de Cezar, mas o latim que falavam o legionario, o commerciante, o lavrador, emfim, a poderosa massa humana que ia absorver a nova população barbara.

Na conquista da peninsula Iberica, por Publio Cornelio Scipião, o 1.^o Africano, no decorrer da 3.^a guerra punica, no anno 206 antes de Christo, começou a romanização da peninsula.

Dasmestester, insigne glottologo, assignala o anno 133, da era vulgar, como o da implantação definitiva do latim na peninsula, com o desaparecimento das linguas da região.

As invictas legiões de Scipião, o Africano, levaram porém para as Hespanhas o latim que falavam, o popular, e foi deste que surgiu, após seculos de transformação, o português.

Assim, quem quizer estudar a origem de nosso idioma tem de subir até a fonte do latim popular, sob pena de cair em enganos continuados.

Em toda a sua evolução porém, a lingua conservou inalterado o accento tonico original, girando em torno delle todas as transformações phoneticas. Não só o português; as demais linguas romanicas obedeceram ao mesmo criterio.

No francez, onde o genio da lingua não admitte os esdruxulos, manteve-se sempre o logar da syllaba tonica. **ARBOREM** fez *arbrê*, como **PALLIDUM** fez *pâlê*.

(1) Alguns grammaticos, inclusive o professor M. Said Ali defendem a opinião de que o *se* póde ser sujeito.

Em português *arvore*, *pallido*, conservaram o accento tonico latino. E' esta uma das mais amplas leis de philologia romanica.

Assim sendo, é preciso explicar como MULIEREM com a tonica sobre o *i* deu em português *mulher*. E' que no latim popular alterára-se a accentuação em alguns casos.

Dizia-se *alácre*, *catédra*, *intégru* que se transformaram em *alégre*, *cadeira*, *inteiro*, em vez das formas corretas *álacre(m)*, *cathedra(m)*, *integru(m)*, que existem na lingua nas palavras *álacre*, *cáthedra*, *integro*, de origem erudita.

D'zia-se tambem MULIÉREM como se dizia PARIÉTEM, resultando as formas normaes *mulher*, *parede*.

Si a origem da palavra fosse o latim classico, teria dado em português *mulher* e *paride*, com as seguintes transformações:

Milierem - *mul'ere* - *mulhire* - *mulhir* ; *parietem-pariète-pariede-paride*. Mas da deslocação do accento tonico *mulierem-pariètem* resultou em português *mulher*, *parede*.

O *e* final de *parede* não cahiu, porque sómente tende a cair, quando está precedido de *l*, *r*, *z* ou *s* e *n*, ficando, portanto, sem apoio, por poderem esses fonemas formar syllabas com a vogal anterior, ex. *capitale-capital* ; *regulare-regular* ; *legale-legal*; *cane-canção*, *feroce-feroze-feroz*. Para prova da procedencia do português do latim popular e não do latim classico, podemos adduzir alguns exemplos :

Latim clas.	Latim popul.	Portuguez
EQUUS	CABALLUS	CAVALLO
DOMUS	CASA	CASA
IGNIS	FOCUS	FOGO
FELIS	CATTUS	GATO
OS	BUCCA	BOCA
HEBDOMAS	SEPTIMANA	SEMANA
TELLUS	TERRA	TERRA
URBS	CIVITAS	CIDADE

Os derivados porém, representando idéas

abstractas, mais complexas, formaram-se na lingua dos termos do latim classico.

Temos assim — *equino*, *domestico*, *igneo*, *felino*, *oral*, *hebdomadario*, *tellurico*, *urbano*, *urbanidade* sem primitivos no português.

FRUCTUS-FRUTO. O grupo *ct* latino precedido de vogal transformou-se em português no grupo *it*. Os estudiosos da lingua chamam a esse phenomeno *vocalisação*, pois o *c* consoante transforma-se numa vogal; *i*, ou *u*; ex. *pectum-peito*; *noctem-noite*; *factum-faito-feito*; *actum-auto*.

Jul'io Nogueira contesta essa explicação, fazendo o *i* provir do phonema quasi imperceptivel que se emite para a pronuncia das explosivas, ex. *noctem-no(qui)tem*. Mas assim sendo, não se explicará a transformação de *actum* em *auto*, de *absentem* em *ausente*.

O italiano faz *frutto*, como faz *notte*, *fatto* por assimilação regressiva.

No português archaico, a forma era a normal, *fruito*. Com a queda da semivogal, facto vulgar na lingua, ficou o termo *fruto*.

Entretanto o termo erudito *fructo* com *c* ainda persiste.

VENTRIS-VENTRE. O grupo *tr* teve sorte varia. 1.º Abrandou-se o *t* na sua homorganica *d*, fazendo *dr*, quando precedido de vogal; ex. *petram-pedra*; *utrem-ódre*. 2.º Quando no vocabulo ha um outro *r*, observa-se o phenomeno constante da dissimilação, ex. *rostrum-rosto*; *rastrum-rasto*; *aratrum-arado*; *fratrem-frade*. 3.º *Patrem* e *matrem* deram *pae* e *mãe*, por processos controversos ainda.

Leite de Vasconcellos attribue o facto á influencia da linguagem infantil.

Não nos parece porém razoavel esta explicação, pois as creações infantis são sempre feitas com syllabas repetidas: *titi*, *vóvó*, *nennen*, *papá*, *mamã*.

Eduardo Carlos Pereira procura explicá-lo, por syncopes successivas : *patrem-*